

THE LONG RIDERS / 1980

(O Bando de Jesse James)

um filme de **Walter Hill**

Realização: Walter Hill / **Argumento:** Bill Bryden, Steven Philip Smith, Stacy Keach, James Keach / **Fotografia:** Ric Waite / **Direcção Artística:** Peter Romero / **Música:** Ry Cooder / **Som:** James Webb, Chris McLaughlin / **Montagem:** David Holden, Freeman Davies / **Assistente de Realização:** Peter Gries / **interpretação:** David Carradine (Cole Younger), Keith Carradine (Jim Younger), Robert Carradine (Bob Younger), James Keach (Jesse James), Stacy Keach (Frank James), Dennis Quaid (Ed Miller), Randy Quaid (Clell Miller), Kevin Brophy (John Younger), Harry Carey Jr. (George Arthur), Christopher Guest (Charlie Ford), Nicholas Guest (Bob Ford), Shelby Leverington (Annie Ralston), Felice Orlandi (Mr. Reddick), Pamela Reed (Belle Starr), James Remar (Sam Starr), Fran Ryan (Mrs. Samuel), Savannah Smith (Zee), Amy Stryker (Beth), James Whitmore Jr. (Mr. Rixley), John Bottoms (Mortician), West Buchanan (McCorkindale).

Produção: Tim Zinnemann / **Produtores Executivo:** Stacy Keach, James Keach, para a United Artists / **Cópia:** Ficheiro, colorida, com legendas eletrónicas em português, 100 minutos / **Estreia Mundial:** Maio de 1980 / **Estreia em Portugal:** AB Cine e S. Jorge, em 11 de Setembro de 1980.

Herdeiro dos clássicos, de um Hawks em especial, mas contaminado no começo da sua carreira por Peckinpah, para quem escreveu **The Getaway**, este argumentista passado para a realização tem uma apetência especial pelo western. Todo o cinema de Hill se rege pelos modelos do género, reinvestindo os seus códigos nos mais diversos campos, da guerra ao policial, passando pelo próprio musical (o magnífico **Streets of Fire**). Ainda não há pouco tempo passou nesta sala um dos melhores filmes de Walter Hill, **The Drivers**, fracasso de crítica e de público, não vendo a primeira mais do que uma estilização das convenções do género quando se trata da única lograda tentativa de um western urbano que materializava todos os mitos e figuras do western clássico. É natural que sendo um apaixonado do género procurasse, por sua vez, uma abordagem directa, o que faz na sua quarta longa-metragem, **The Long Riders**, investindo uma das figuras mais lendárias do folclore americano: Jesse James, "personagem" de mais de 30 filmes, compreendendo "serials" e um incrível **Jesse James Meets Frankenstein's Daughter**. Mas, próximos da lenda ou da realidade, a série reduz-se drasticamente, limitando-se à versão de Nicholas Ray de 1956 com o mesmo título e que segue o mesmo argumento, à excelente e mais próxima da realidade de Philip Kaufman, **The Great Northfield Minnesota Raid**, de 1972 e à de Walter Hill, a que se poderá acrescentar o início de **I Shot Jesse James**, de Samuel Fuller. Curiosamente é este filme, mais do que os outros, que parece marcar **The Long Riders**. Antes de quaisquer semelhanças de estilo a que já voltaremos, é curioso verificar que ambos os filmes partem duma vontade de desmistificação da lenda, para acabarem por restaurá-la, Fuller por romantismo (o destino de Bob Ford inelutavelmente ligado a Jesse), Hill por uma espécie de fatalismo: os planos que antecedem a morte de Jesse, em que os gestos dele são carregados de predestinação. Quanto às semelhanças salta à vista a quem viu o filme de Fuller, o início que surpreende os membros do "gang" durante um assalto com os planos próximos e breves que introduzem os participantes do drama, o crescendo de tensão e a forma elíptica e rápida como tudo se resolve (é pena que Walter Hill não tenha mantido esse estilo ao longo de todo o filme, especialmente no assalto ao banco de Northfield). E há também aquele plano, que me parece, antes de mais, uma ironia, quase como uma espécie de brincadeira por parte do realizador (ou dos

argumentistas, dado que este foi o primeiro e, salvo erro, o único, filme realizado por Walter Hill em que ele não participou na elaboração do argumento) quando Bob Ford dispara sobre Jesse James dizendo, numa antecipação da lenda: "I shot Jesse James".

Apesar de ser uma obra menor na carreira de Walter Hill e não ter, de modo nenhum, cumprido os objectivos a que possivelmente se propunha que apontavam para a tentativa de recuperação do western (quando os seus códigos e modelos contaminavam outros géneros, como a ficção científica, via **Star Wars**), ficando mesmo aquém de tentativas posteriores (**Pale Rider** de Clint Eastwood ou **Silverado** de Lawrence Kasdan), ou para a desmistificação das personagens retratadas (e neste caso poder-se-ia preferir a lenda nas versões de King e Ray), ficando mesmo, neste aspecto, muito longe da versão de Kaufman onde Cliff Robertson e Robert Duvall compõem dois dos mais convincentes e conseguidos retratos dos salteadores, respectivamente Cole Younger e Jesse James, apesar de tudo isso, **The Long Riders** é um filme deveras curioso e nunca poderia ter sido feito noutra altura na forma como foi elaborado pela produção, a cargo dos irmãos Keach (James e Stacy), devido, evidentemente à peculiaridade do seu elenco. A ideia, no fim de contas, é simples, precisando apenas de se concretizar em certas situações: formar um elenco "familiar" para construir um gang "familiar". A quadrilha de Jesse James era formada por indivíduos ligados especialmente por laços de sangue e de vizinhança, de famílias espoliadas das suas terras pelos "carpetbaggers" que invadiram o Sul na sequência da derrota da Confederação. Praticando os assaltos na região ou nas suas proximidades a quadrilha podia contar com o apoio declarado ou não da população do Estado vítima das mesmas circunstâncias, e é exactamente a saída do seu espaço vital que conduz ao desastre no assalto ao banco Northfield, no Minnesota. Para além de alguns "outsiders" a quadrilha era formada pelos irmãos James, os Youngers e os Millers. O que a produção fez foi fazer representar cada um destes grupos por outros ligados por iguais laços familiares: Os Keach como os James, os Carradine (filhos de John Carradine que participou na versão de Henry King) interpretando os Youngers, e os Quaid (Dennis e Randy) na figura dos Millers. Por outro lado, também os irmãos Ford (a quem cabe a morte de Jesse) são interpretados por dois irmãos na vida real: os Guest (Christopher e Nicholas). A ideia foi um achado, que dificilmente se repetiria, pelo menos em termos da população artística de Hollywood, dadas até as curiosas semelhanças entre intérpretes e retratados, e é ela, no fim de contas, que hoje melhor consegue suportar o filme, e que será, sem dúvida num futuro breve, possivelmente o único motivo de interesse de **The Long Riders**.

Falei no começo de Peckinpah e isso vem inevitavelmente à memória perante o festival de "slow motion" que constitui a base do assalto final, ponto de partida para a destruição do gang. Os planos alongam-se para provocarem um máximo de tensão, para fazerem sentir o impacto das balas (é de sublinhar nesta sequência, o tratamento sonoro, dado que ele próprio sofre da mesma dilatação, alongando o silvo das balas em simultâneo com os impactos nos corpos) mas a constante repetição acaba especialmente por cansar o espectador que se fica pela admiração das "trouvailles" técnicas em vez de se concentrar na tragédia. Não há dúvida que são bonitos os planos em que, em simultâneo, os James atravessam as montras de vidro, a cavalo, mas nada adianta a imagens semelhantes nos filmes de King e Ray, perdendo mesmo em eficácia o que ganha em brilhantismo.

Mas **The Long Riders** ultrapassa a mediania em diversas situações: em primeiro lugar na sequência do assalto ao comboio, um prodígio de virtuosismo, onde é justo destacar uma figura por demais esquecida e que é indispensável neste género de filmes: o "stuntman" ou "duplo". Para além de estar coreografado (se assim se pode dizer) com brilho, a sequência é notável pela emoção que cria. Depois a fotografia de Ric Waite tanto nos interiores mal iluminados como na captação da atmosfera agreste e selvagem. Por outro lado, a caracterização das personagens é curiosa e a diferença entre o comportamento puritano dos James e o desregramento dos Youngers é dada de forma clara, o que era esbatido nas outras versões (excepto na de Kaufman, a mais conseguida). Finalmente, é de inteira justiça destacar a música de Ry Cooder, colaborador habitual de Walter Hill, que neste filme se inspira em baladas e em folclore de época.

Manuel Cintra Ferreira